

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

MASSACRE NO CAPACETE

Mirad também responsável

Dos vários componentes que interferiram no confronto do dia 28 de março na localidade do Capacete, município de Benjamin Constant e que resultou na morte de 14 índios Tikuna e 27 feridos, o Ministério da Reforma Agrária (Mirad) e a Prefeitura municipal de Benjamin Constant aparecem como causa diretamente ligados ao problema.

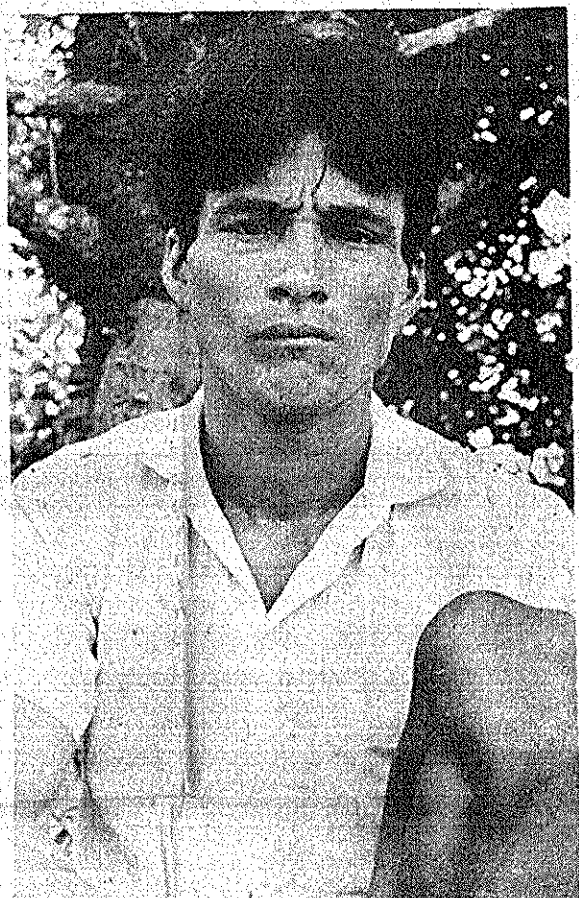
Conforme declarou Jorge Luiz de Paula, sociólogo do posto da Funai em Tabatinga, a reportagem de A Crítica, em Benjamin Constant, seria demarcada uma área para a qual deveriam ser transferidas todas as pessoas de Capacete. Segundo ele, recursos destinados à demarcação dessa área foram repassados para a Prefeitura de Benjamin Constant, que não concluiu os serviços.

Desde o ano de 1982, quando a localidade do Capacete foi considerada de interesse indígena e em 1984 iniciado o processo de demarcação, muitos problemas entre os Tikuna e posseiros deram início ao desfecho da segunda-feira sangrenta. Observa Jorge Luiz que a exploração indiscriminada de madeira em tora e a pesca predatória exercida tanto por Oscar Castelo Branco, acusado pelos Tikuna como mandante da chacina, quanto por outros posseiros, foi sempre motivo de atritos.

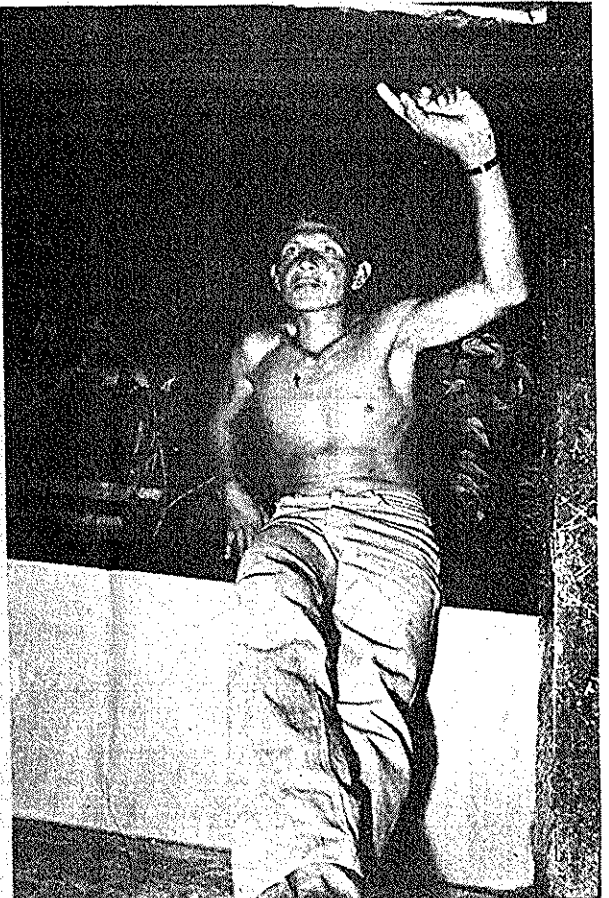
Prisão preventiva Os índios Tikuna, localizados nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, Tocantins, São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Itá, formam um universo populacional de 25 mil habitantes. Apesar de aculturados mantêm tradições e laços nitidamente indígenas.

A festa da menina-moça, embora esquecida por algumas comunidades, continua como um dos principais rituais Tikuna. Esta festa consiste em confirmar a partir dos 13 anos as meninas que só ganham liberdade quando formadas (têm a primeira menstruação). Colocada fora do cativo, a menina, agora moça, tem seu cabelo totalmente arrancado, fato ainda verificado na comunidade de Belém.

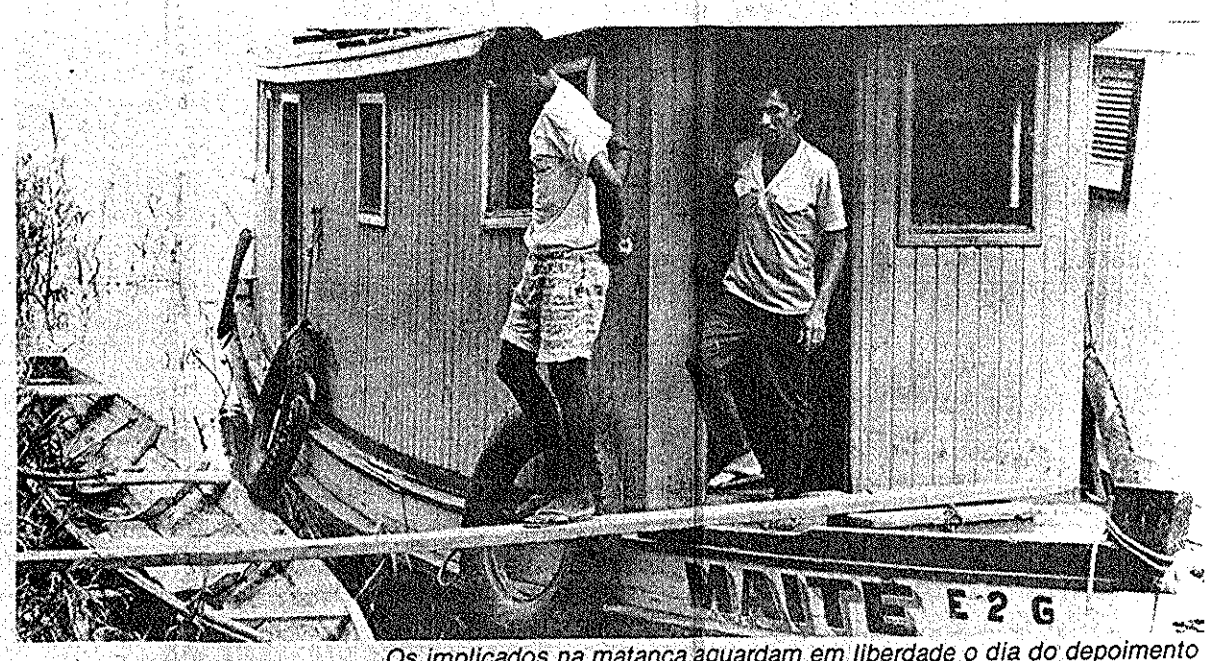
Excessivamente presos a laços fa-



Janes matou o boi e distribuiu a carne



Capitão Leonildo: punição ou vingança



Os implicados na matança aguardam em liberdade o dia do depoimento

miliares, os Tikuna da comunidade de São Leopoldo prometem vingança ao sangue derramado de seus parentes se os responsáveis pela matança não forem colocados na prisão. Até ontem, o inquérito conduzido pelo delegado da Polícia Federal de Tabatinga, Ari Marinho, cujo processo foi iniciado no dia 29 de março, havia indiciado criminalmente 8 posseiros: Francisco Nascimento Ambrósio, 46 anos, João dos Santos da Silva (não sabe a idade) e Raimundo Marques de Oliveira, 21 anos; Francisco de Souza Rodrigues, 42; João dos Santos, 38; Nelson Franco Pereira, 41; Alzenir Marques de Oliveira, 26 anos; e Jucinei Ramos, 24 anos.

Segundo declarou Ari Marinho a reportagem de A Crítica o processo que será concluído dia 29, podendo ser prorrogável por mais 30 dias, antes de remetido para a Justiça Comum para julgamento pedirá a prisão preventiva de todas as pessoas até então identificadas criminalmente. "As provas contra Oscar, que será

ouvido por último, são bastantes subjetivas. Todas as pessoas ouvidas afirmam que não é o responsável pela matança, ainda assim, se antes da conclusão do inquérito for provado a sua participação pediremos também a sua prisão preventiva" promete.

Não houve flagrante O tiroteio, iniciado por volta das 12:30h, só terminou quando os jagunços não dispunham mais de cartuchos. Após o último tiro, ocorrido depois de mais de uma hora de perseguição, o fato foi levado ao conhecimento das autoridades em Tabatinga.

Mesmo assim, a Polícia Federal não registrou nenhum flagrante, possibilitando aos implicados de permanecerem em relativa liberdade. Oscar Castelo Branco, que ainda não foi ouvido e nem participou do ataque, continua em Tabatinga na residência de seu advogado, Gedeon Rocha e nas horas de tédio procura se animar com alguns goles de bem geladas cervejas. Ontem, por exemplo, na companhia do seu advogado, Oscar apro-

veitou para visitar Benjamin Constant, onde tem residência, parentes e amigos.

Mesmo os mais implicados no assassinato dos Tikuna - a Polícia Federal até o momento tem sob seu controle 19 jagunços -, dos quais 8 identificados criminalmente, dos outros fora da mira da polícia. Confortavelmente instalados no barco "Maite", de propriedade de Oscar, todos os envolvidos aguardam sua vez de depor na PF.

As pessoas consideradas mortas são: Marcos Anísio Galdino, 24 anos; Valentino Ernesto Julião, 35; Raimundo Augusto Mariano, 16 anos; Batista Alves Inácio, 11 anos; Lourenço Mariano Bernardo, 10 anos; Natalino Manoel, 28 anos; Jordão Fidélio, 10 anos; e Lourenço de Almeida, 10 anos; Getúlio Alves Inácio, 11 anos; David Luciano, 30 anos; Angelito Luciano, 25 anos; Jucá Luciano, 40 anos; Agrepino Mopambiti, 22 anos e Aldenir Marques, 9 anos.

Amâncio: Situação fica pior com mortes



Sebastião Amâncio

"Toda aspiração que tiver origem no sentimento indígena, a Funai está pronta a acatar. As entidades exógenas, desconhecemos na íntegra", disse ontem o superintendente da 5ª SUER, Sebastião Amâncio, ao tomar conhecimento da carta enviada por um grupo de líderes indígenas que foram cobrar do órgão uma posição a respeito da questão Tikuna e do estado em que se encontra a Casa do Índio.

Para Sebastião Amâncio, "os criminosos serão punidos conforme a Justiça determinar". Quanto ao reassentamento dos indígenas, competência do Mirad e da Funai, providências já vêm sendo tomadas e "os choques são de responsabilidade de quem de direito", revelou.

O superintendente da 5ª SUER considerou que foram aliciados índios pelo CIMI e representantes de entidades indígenas na questão, na qual se pode aferir que há participação não espontânea do índio, prometendo

avaliar a carta, mas deixando claro que "o processo fundiário é lento e gradual".

"A Funai teve apenas 20 anos para consertar o que se errou desde 1.500; Famílias que ocuparam áreas, cuja colonização se deu de forma errada", revelou. Demarcar, indenizar e reassentar são, conforme explicou, as funções do órgão. Os implicados na questão serão interrogados e, se julgados culpados, condenados; e os suspeitos estão proibidos de se afastar da área.

Sebastião Amâncio acrescentou que cerca de 20 pessoas estão indiciadas em processo em Tabatinga. No momento, a Funai procura manter os índios informados de que devem aguardar a demarcação, indenização, o reassentamento, sem atos de violência, o que o órgão diz esperar conseguir de qualquer pessoa de bom senso.

"A situação sem mortes é difícil, com mortes é pior", destacou Sebastião Amâncio, ao colocar que esse

processo ocorrer em várias etapas: conscientização da área a ser demarcada, deixando claro que é um processo que somente o Brasil se ocupa. "500 anos depois o processo está sendo corrigido", frisou.

"Nós temos entidades que querem, há indícios de que desejam desestabilizar as ações do governo como um todo. Usam os índios contra não índios. Quando a Funai vai demarcar essas terras, usam essas mesmas pessoas para condenar as ações do governo. Essas pessoas são responsáveis por essa onda de violência", culpou o superintendente da 5ª SUER.

Ainda sem denunciar quais seriam esses órgãos, Sebastião Amâncio adiantou, no entanto, tratar-se de entidades que apóiam a causa indígena, bastantes conhecidas em todo o País, mas que caberá a órgãos de segurança provarem quais são. "Essas entidades sendo indiciadas e, se culpadas, serão levadas a processo", concluiu.

Líderes indígenas repudiaram a matança

"Não podíamos deixar, como membro da União Nacional das Nações Indígenas-UNI - de dar uma justificativa diante das versões que estão surgindo sobre a matança dos índios em Capacete. Estamos repudiando todos os casos". Assim se expressou Lino Miranda, de Uarini, que ontem esteve na sede da Funai em Manaus, juntamente com mais três lideranças indígenas para cobrar uma posição do superintendente regional sobre a chacina no município de Benjamin Constant.

Manoel Zacarias Medeiros e Manoel Ribeiro da Silva, ambos da Barreira da Missão, do município de Tefé são Tikunas que ao lado de Híginio Apiaká, de Mato Grosso, e de Lino Miranda resolveram tomar uma posição diante do conflito entre posseiros e índios, na área de Capacete. As lideranças indígenas consideram a situação a pior possível de todo o Brasil, em questão de massacre.

"Ao contrário do que se conhece, não somos agressores, somos agredi-

dos. Nós temos que nos defender, não estamos revidando", argumentou Lino Miranda sobre a indenização das benfeitorias nas áreas desapropriadas, que ficou numa média de R\$ 1 mil aos índios, enquanto posseiros receberam em OTNs. "Se o índio tivesse assistência adequada, poderiam produzir muito mais. Como é que você pode dar aquilo que não tem?"

O motivo da vinda das lideranças indígenas até a sede da 5ª Suer cor-

responde a uma cobrança, uma vez que a Funai não se pode dizer inocente, porque outras situações semelhantes já ocorreram e à medida que o tempo passa, tende a piorar".

Para Lino Miranda, "esse é um dos casos que não podemos deixar como tantos outros, se possível, devemos exigir a presença dos membros conselheiros das Nações Indígenas em Manaus para sentarmos juntos, e decidirmos o que fazer, acionando todos os canais competentes e cobrar posições".